

# ENCRUZILHADAS NO CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM DO PARÁ

CROSSROADS AT THE CÍRIO DE NAZARÉ IN BELÉM DO PARÁ

Eduardo Oliveira Soares<sup>1</sup>

## Resumo

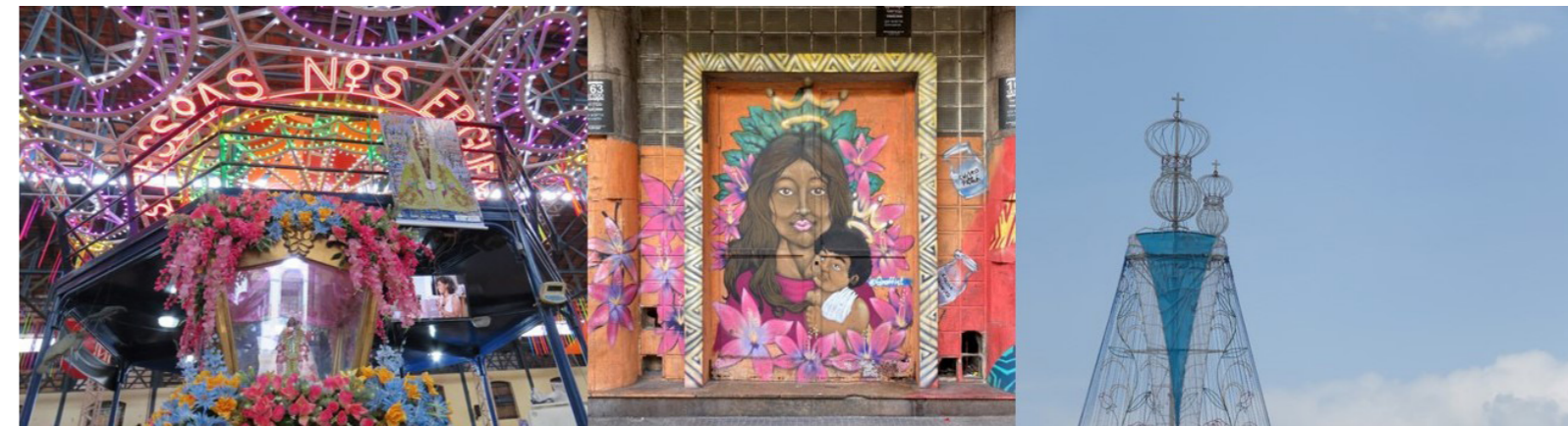
Nas encruzilhadas da cidade de Belém do Pará, em meio a milhões de pessoas, ocorre o Círio de Nazaré. A programação inclui extensas atividades religiosas, culturais e comerciais, que conciliam o sagrado e o profano e lotam as ruas com uma multidão que tem como estímulo a devoção à Nossa Senhora de Nazaré. Uma análise do fenômeno pode ser feita por meio de textos e fotografias. No presente artigo eles descrevem, refletem e registram memórias sobre como e quem ocupa as ruas da cidade. A multiplicidade de eventos torna a festa religiosa ainda mais atraente e fascinante. Dentre a programação, o Auto do Círio e a Festa da Chiquita se destacam, pois sintetizam ações de luta em prol da diversidade por meio de manifestações artísticas. Ao longo de mais de dois séculos, desde sua criação, os eventos relacionados ao Círio de Nazaré foram absorvendo a diversidade cultural e social brasileira.

Palavras-chave: Auto do Círio, Belém do Pará, Círio de Nazaré, memória, Nossa Senhora de Nazaré.

## Abstract

*In the streets of Belém do Pará, amidst millions of people, takes place the Círio de Nazaré. The festivities include extensive religious, cultural, and commercial activities that reconcile the sacred and the profane, filling the streets with a crowd motivated by devotion to Our Lady of Nazaré. An analysis of the phenomenon can be done through texts and photographs, which in this article describe, reflect and record memories about how and who occupies the city's streets. Among the events, the Auto do Círio and the Festa da Chiquita stand out, synthesizing efforts in favor of diversity through artistic expressions. Over more than two centuries since its inception, the events related to the Círio de Nazaré have absorbed Brazilian cultural and social diversity.*

*Keywords: Auto do Círio, Belém do Pará, Círio de Nazaré, memory, Our Lady of Nazareth.*



## Belém

Ao lembrar do Círio de Nazaré em Belém do Pará, vem à mente fragmentos de memórias e sensações: Circular entre águas e terras, becos e vielas. Se deixar levar. Remar contra a maré. Sentir na pele (e na alma) o sagrado e o profano. Tomar decisões em cada possibilidade de escolha entre os caminhos a seguir. Agir, ver e ser visto pela multidão. Cruzar olhares e trajetórias. Se irmanar em comunhão, alegria e – por que não? – ousadia. Transcender o cotidiano em um evento que não é só do plano material. É, também, de natureza celestial.

Nas encruzilhadas da cidade, em meio a milhões de pessoas, é isso que acontece nas ruas de Belém do Pará no segundo domingo do mês de outubro.

Belém, cidade fundada a mais de quatro séculos, aberta às águas da Baía de Guajará, que contém espaços e arquitetura que evocam a uma *Belle Époque*, na qual se almejava recriar ares parisienses. Belém, capital paraense, que recebe anualmente uma série de eventos relacionados ao Círio de Nazaré.

O Círio é a denominação tanto da procissão principal que ocorre na manhã de domingo, quanto da série de eventos a ela relacionados. A cada ano a cidade se mobiliza pela hipnótica imagem – no sentido material e simbólico – de Nossa Senhora de Nazaré. Sua onipresente silhueta domina a paisagem, replicada das mais diversas formas (Figura 1).

A programação do Círio inclui extensas atividades religiosas, culturais e comerciais e faz com que as ruas de Belém sejam ocupadas por diferentes corpos. No turbilhão de eventos, visualizam-se moradores da cidade, turistas, romeiros, promesseiros, representantes do clero, autoridades políticas, voluntários, brigadistas, distribuidores de água, artistas, atores, músicos. E, além das inúmeras imagens de Nossa Senhora de Nazaré, crucifixos e toda a sorte de símbolos cristãos ostentados por quem tem os pés descalços e as cabeças nas nuvens da fé.

“Em termos de comparação, o Círio é a correspondência humana de uma pororoca. Quem observa o fato dos pontos de acesso da capital tem a impressão de uma invasão ou êxodo rural em larga escala, emprestando à cidade uma nota inusitada e estranha” (MOREIRA, 1971, p. 6). Inusitadas também são as transformações ocorridas na forma de culto mariano, a fim de aproximá-lo do contexto territorial e social.

Para a Igreja, “a mais feminina das expressões divinas do cristianismo é irradiadora natural da mais ilimitada tendência a multiplicidade de representações” (Oliveira, 2018, p. 177). Com isso, Nossa Senhora de Nazaré influencia fortemente a constituição

<sup>1</sup> Doutor em Arquitetura e Urbanismo (2021), mestre em Arquitetura e Urbanismo (2013) e especialista em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (2009) pela Universidade de Brasília/UnB. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (1995). É servidor da UnB. Admirador, criador e pesquisador de narrativas.

da identidade do povo paraense, nortista e brasileiro. É uma entidade grandiosa o suficiente para receber honras de Chefe de Estado (Basílica de Nazaré, s/d) e íntima para ser identificada por *Nazinha* pelos fiéis.

Transcendendo uma religiosidade formal, formatada pelo Catolicismo, eventos culturais foram inseridos na programação do Círio. Apartadas do endosso da Igreja, mas constantes no Dossiê elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) que registrou o Círio como Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2006), estão o *Auto do Círio* e a *Festa da Chiquita*. O *Auto do Círio* envolve teatro, dança, música e arte, que compõe um espetáculo que surgiu em 1993 na Universidade Federal do Pará (UFPA) e é realizado por meio da Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) (Brigida, 2008, p. 36). A *Festa da Chiquita* é um evento promovido por travestis e *drag queens* que celebra a comunidade LGBTQIAPN+. Ambas ocorrem em locais adjacentes ao trajeto do cortejo do Círio.

Com isso, entre um e outro evento da programação religiosa oficial, pode-se cruzar com corpos que transgridem as fronteiras entre masculino e feminino. No início de outubro, Belém se converte em um “cenário de disputas de imaginários, de fé, de repressão e de erotismo, da luta e interações entre a cultura branca cristã europeia e a cultura pagã, indígena, cabocla, dos corpos nus” (Trói, 2019, p. 80).

A cidade em festa é o tema que instigou a presente narrativa. Uma narrativa textual e fotográfica que pretende se juntar a inúmeras outras já realizadas.

Uma análise do fenômeno pode ser feita por meio de textos e fotografias. No presente artigo eles descrevem, refletem e registram memórias sobre como e quem ocupa as ruas da cidade. Na multiplicidade de identidades, Nossa Senhora pode “(...) ser considerada virgem, grávida, mãe, esposa, conquistadora, guardiã, mestra, imperatriz ou rainha, pode, também, ser considerada artífice de parte da identidade latino-americana, impulsionadora da criação de paisagens nas cidades e, ainda, inspiradora de narrativas” (Soares, 2024). Então, Salve Nossa Senhora de Nazaré!

Da extensa e volumosa programação relacionada ao Círio, o recorte adotado foi o dos eventos que se estendem de quinta a domingo do fim de semana do Círio. São eles os que mobilizam uma grande quantidade de moradores e turistas, impactando na paisagem da cidade.

Nesse texto, além desse tópico denominado *Belém*, os caminhos e as encruzilhadas da cidade foram segmentados em *Nazinha* – a origem da devoção; *Auto* – a apresentação teatral que ocorre pelas ruas da cidade; *Baía* – a procissão fluvial; *Transladação* – o deslocamento da imagem da Santa até o ponto de partida da procissão principal e a Festa da Chiquita que ocorre na sequência; *Círio* – o grande cortejo; e *Almoço* – a tradicional confraternização que marca o fim de uma intensa jornada.

## Nazinha

As devoções marianas comumente são criadas ou reafirmadas a partir do encontro de imagens ou de aparições ocorridas em contextos sobrenaturais. No Brasil, o culto à Virgem de Nazaré surgiu quando, em Belém do Pará, em cerca de 1700, “(...) caminhava nas matas (...) um caboclo agricultor e caçador chamado Plácido José dos Santos. Levado pela sede, acabou descobrindo entre pedras cobertas de trepadeiras, (...) uma espécie de nicho natural com uma pequena imagem” (IPHAN, 2006, p. 11). A imagem em madeira era a da Virgem. O local onde foi encontrada corresponde a atual Avenida Nazaré e à Basílica que leva o seu nome. Diz a tradição, que Plácido levava a

imagem para a sua casa e que, estranhamente, ela sumia e voltava ao local de origem. Desde então, Nossa Senhora de Nazaré é indissociável à cidade de Belém.

Em Portugal ocorre a devoção a outra Nossa Senhora de Nazaré, fruto de uma aparição em terras lusitanas. Mas se trata de outra versão de Maria.

No contexto católico, a crença em Nossa Senhora “(...) se materializa em santuários que impactam e, mais do que isso, forjam as cidades. No dia a dia são como aparições urbanas que lembram a população da necessidade da devoção mariana” (SOARES, 2024). A nomenclatura do bairro e da avenida lembram que a cidade é de Nazaré. Ainda no século XVIII a *graça* do encontro da imagem em terras paraenses já era celebrada.

Até 1789, a Festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré era marcada pelas ladainhas e novenas no local do achado da Santa. Todavia, em 1790, a Igreja Católica autoriza a realização da festa pública em homenagem à Virgem de Nazaré, marcando, a partir de então, a oficialização, por parte da Santa Sé, da Festa de Nazaré. A primeira procissão, ou o primeiro Círio oficial, ocorreu em 1793, a mando do então presidente da Província, em agradecimento por graça alcançada (Almeida, 2014, p. 2).

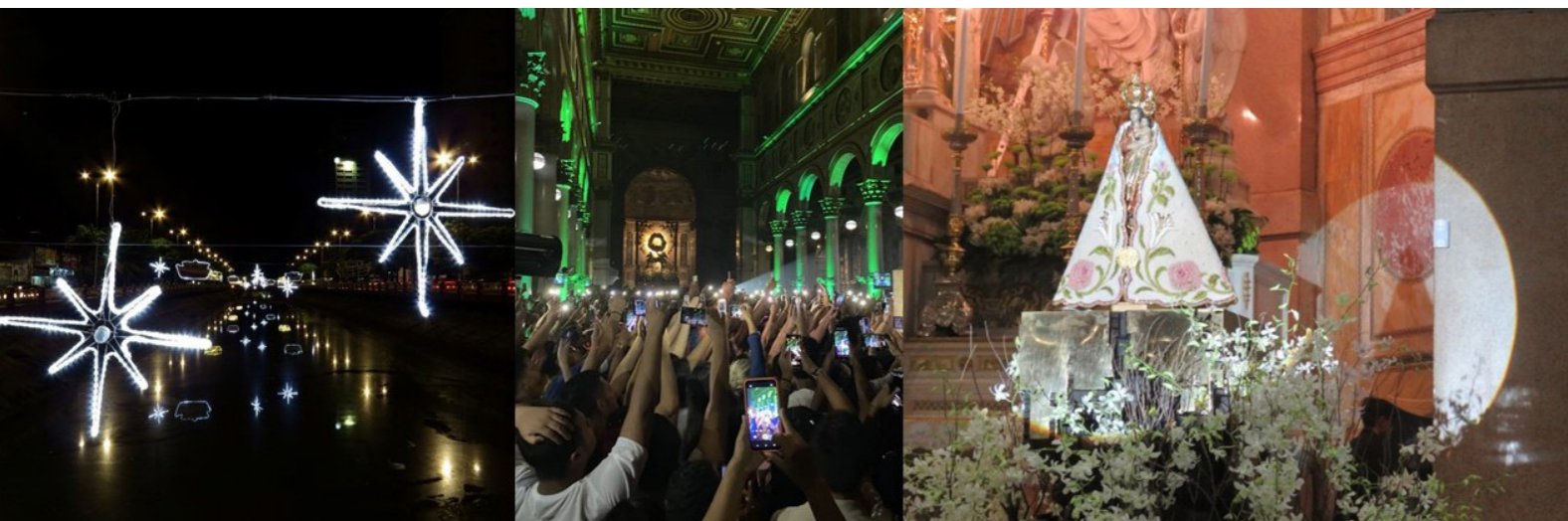
Mais de dois séculos depois da sua criação, o Círio de Nazaré alcançou tal importância cultural que o levou a ser inscrito, em 2004, no Livro das Celebrações do IPHAN enquanto patrimônio imaterial (IPHAN, 2006). Além disso, desde 2013 (UNESCO, s/d), a procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém é inscrita na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Ademais, “em 1971, a Assembleia Legislativa do Pará aprovou a lei estadual 4.371, na qual definiu Nossa Senhora de Nazaré como ‘Padroeira dos Paraenses’ e ‘Rainha da Amazônia’ ” (SILVA, 2021, p. 163).

A escultura de Nossa Senhora de Nazaré, que tem a alcunha *Nazinha*, é diminuta. “A imagem, hoje tida como a original, tem 38,5 centímetros de altura” (IPHAN, 2006, p. 11). Essa imagem é oculta aos olhos dos fiéis. Há outra que, como um *doublé*, é apresentada nas procissões. A explicação é que “em razão de não ter identidade com os devotos, foi produzida a imagem ‘peregrina’, cujas feições e cor da pele têm semelhanças com a população mestiça regional” (Silva, 2021, p.163). Percebe-se, então, que no contexto de devoções marianas, há sempre um esforço para que as representações da Virgem se aproximem da cultural local.

O modo de adoração à Nossa Senhora foi se transformando –e se agigantando– no decorrer do tempo, envolvendo extenso calendário de procissões, romarias e atividades endossadas pela Igreja Católica. É chamado de *Quadra Nazarena* o período de eventos relacionados ao Círio de Nazaré.

Para quem já frequentou Belém no início de outubro, vem à mente as diversas imagens de Nossa Senhora de Nazaré que adornam o Aeroporto, o Terminal Hidroviário, as ruas, os lares, os condomínios, o comércio. Em época do Círio, *Nazinha* está em toda a parte, bem como os romeiros em caminhada pelas estradas e os turistas que peregrinam para o que é conhecido como o *Natal do Paraense*.

Assim como o período natalino em muitas cidades, Belém se enfeita e ilumina em outubro. Várias atividades relacionadas à Nossa Senhora mobilizam multidões. Uma delas é a apresentação do manto que adornará a imagem da Santa durante



os cortejos. Na Basílica Santuário, na noite da quinta-feira que antecede o Círio, o público se espreme para ver uma indumentária detalhadamente desenhada. Ao final da missa, com música, iluminação principal apagada e fechos de luzes, os fiéis e turistas conhecem o manto que adornará a imagem. É um espetáculo criado com esmero, pensado em todos os detalhes para emocionar e ficar gravado na memória de quem o vê (Figura 2).

A memória resguarda o que foi vivido. “Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9). A série de eventos intensos e exuberantes que ocorrem em Belém por ocasião do Círio é matéria prima para experimentar e revisitar vivências; criar e reascender memórias. E, com isso, criar narrativas, ou seja, o registro textual ou fotográfico –dentre outros– do que foi internalizado e assimilado em cada indivíduo ou na coletividade.

O impulso é de que se fotografe muito cada um dos eventos, mesmo que eles se repitam anualmente. Cada fotografia tem consigo a missão de ser guardiã da memória. E quem as captura, na verdade não está “(...) procurando fotografar lembranças ou, até, vagos ecos de lembrança que afloravam da memória?” (CALVINO, 1992, p. 59). Fotografar é um silencioso apelo para que a magia do momento perdure por mais tempo.

Como já foi citado, dentre o conjunto de festividades, nessa espécie de *Carnaval Devoto* (Alves, 1980), há eventos culturais e comerciais que transcendem ao culto mariano instituído pelas autoridades eclesiais. Como ocorre em parte das celebrações criadas no contexto da religião católica –o Carnaval e as Festas Juninas são exemplos–, as festividades do Círio conciliam e contrapõem atividades do sagrado e do profano.

Seguindo uma ordem cronológica, após a noite da apresentação do manto, o grande evento da *sexta-feira do Círio* ocorre também à noite. É o *Auto do Círio*. Momento em que uma manifestação profana enraizada no sagrado toma as ruas da cidade.

### Auto

O Centro Histórico de Belém é o palco urbano da encenação do *Auto do Círio*, um cortejo dramático que propõe, a cada ano, celebrar, além de Nossa Senhora de



Figura 3 - Auto do Círio. Fonte: Eduardo Oliveira Soares, 2018, 2018, 2016, 2018, 2016, 2026.

Nazaré, a diversidade cultural, social e religiosa. O *Auto do Círio*, criado em 1993, “é um espetáculo de rua grandioso, com ampla participação popular. O projeto, pensado pela professora, atriz e diretora de teatro, Zélia Amador de Deus” (IPHAN, 2006, p. 56) é vinculado a Universidade Federal do Pará e é realizado por meio da Escola de Teatro e Dança.

Multiplicidade e ambiguidade marcam o cortejo, que nos corpos, vestuário e narrativa transcende categorias. “Deve-se entender os elementos do sagrado e do profano que marcam o Círio de Nazaré como fruto de uma relação e não como elementos opostos. A fronteira entre um e outro é, muitas vezes, quase imperceptível” (IPHAN, 2006, p. 19). O evento parece querer reafirmar a cada ano: – A cidade também é minha e o Círio também me pertence! O *Auto do Círio* é arte, poesia, alegria, irreverência. É também um evento político, ao ocupar as ruas que também recebem a procissão religiosa principal.

Qual o gênero de quem está atuando? E da personagem? A inspiração é do contexto católico? Da Umbanda? Do Candomblé? Apesar de parte da sociedade insistir em impor uma dicotomia, a atualidade –e as artes, e quem faz e vive o Círio– impulsiona a fluidez de conceitos e comportamentos. As identidades e as expressões de fé a Nossa Senhora são múltiplas podendo ser acolhidas e expressas livremente nos espaços da cidade. Corpos, comportamentos e sujeitos de expressão de gênero ambivalente, diluídos ou invisibilizados no dia a dia, também são protagonistas no espetáculo.

A apresentação “(...) se divide em cinco momentos chamados de estações, como costumam ser chamadas as paradas de cortejos religiosos” (MOREIRA, 2012, p. 25), localizadas em frente à Catedral da Sé; à Igreja de Santo Alexandre; ao Solar do Barão do Guajará; e entre os Palácios Lauro Sodré e Antônio Lemos. A narrativa mescla elementos do teatro medieval, do circo, das escolas de samba, em uma exuberância estética e musical que ocupa ruas e esquinas de Belém.

A cada ano é escolhido um tema. O de 2024 foi “Bendita és Tu, Mãe Terra: Nossa Senhora de Todas as Lutas”. Assim como o cortejo do Círio, o *Auto* é um convite a que a população circule pela cidade. Ficar parado nem sempre é uma possibilidade, pois a onda humana impõe o movimento entre as *Estações*.

De edições passadas vêm à memória algumas lembranças... Nas ruas, quem abre caminhos é *Exu –Laroyê!* –, e no cortejo vão passando (Figura 3), orixás, anjos, seres alados e, é claro, a luminosa Nossa Senhora de Nazaré com o seu manto.

Há espaço para o canto de samba enredo do Rio de Janeiro em prol da diversidade religiosa. Com isso, ecoa pelas ruas a melodia de “Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé / Eu respeito seu amém / Você respeita o meu axé” (Tatalondirá, 2019), e, também, “Clama o meu país / À Flor de Lótus símbolo da paz / E a vitória régia da mesma raiz / Pela tolerância entre os desiguais / Nesse Holi / Eis o triunfo do bem e da fé / Nerhu, Dom Hélder, Chico Xavier” (Namastê, 2017). No cortejo cultural e ecumênico há espaço para transpor e incorporar outras narrativas, cidades e crenças.

Nesses momentos, a paisagem de Belém –já tão exuberante em natureza, arquitetura e costumes– se engrandece e se expande ainda mais. “É no sentido de participação coletiva que a poética do espetáculo se insere no cotidiano, transformando seus espaços (...), tornando-os cenários para as encenações, partilhados pelos atores e por espectadores com suas afetividades” (Moreira, 2012, p. 23). Ao se presenciar e se emocionar com o espetáculo, tem-se a impressão de estar intimamente conectado com a longa trajetória de cultura e de fé que ocorre na cidade. Atores, dançarinos, músicos e público em comunhão, cocriadores da paisagem da cidade.

Se o espaço está relacionado ao suporte físico e ao seu uso em um determinado momento, “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. (...) A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (Santos, 2006, p. 67). Integrar um evento que a cada ano endossa a percepção da paisagem e, portanto, constitui memória coletiva, é um direito de todos.

Anualmente os cortejos marcam na paisagem a presença de identidades que questionam a hegemonia da religião cristã e da heteronormatividade. Lendas, mitos e seres da floresta também são evocados e saudados.

O vínculo entre a cidade e a natureza é igualmente evidente no evento que acontece no sábado pela manhã. A Romaria Fluvial na Baía de Guajará.

## Baía

A potência turística do Círio em Belém faz com que novos eventos sejam integrados à programação. Com o tempo, eles ficam cada vez mais grandiosos. Uma romaria já consolidada é a Rodoviária, que conduz a imagem peregrina da Santa até o Distrito de Icoaraci, em Belém. É ali que a imagem passa a noite e, no dia seguinte, inicia a Romaria Fluvial. Criada no ano de 1986, a Romaria ocorre entre o Trapiche de Icoaraci e a *Escadinha da Estação das Docas*, no centro histórico da cidade.

O evento faz com que mais de duas centenas de embarcações recebam moradores, romeiros e turistas que se deslocam de várias marinas da cidade de Belém até Icoaraci. Ao amanhecer de sábado, as pessoas procuram sua embarcação, sendo o momento de desbravar ruas da cidade, mesmo que não haja muito tempo para contemplá-las. O objetivo maior é embarcar.

No barco, aí sim, pode-se observar a cidade a partir das águas da Baía de Guajará. Ver os moradores ribeirinhos, suas moradas, sua fé (Figura 4). Ver a população que mora à (na) margem da cidade. Ver a densa vegetação que emoldura Belém. Como em muitos momentos das festividades do Círio, as câmeras fotográficas, principalmente dos *smartphones*, registram cada momento.



Nesse contexto, fotografar não está relacionado com uma plácida contemplação, mas em capturar o que pode se perder pelo excesso de estímulos aos sentidos. No balanço das embarcações, não é possível ficar parado. Há ondas, conversas e músicas em profusão.

Vale lembrar que “o passo entre a realidade que é fotografada na medida em que nos parece bonita e a realidade que nos parece bonita na medida em que foi fotografada é curtíssimo” (Calvino, 1992, p. 54). Há permanente anseio em guardar os preciosos e belos momentos que ali estão sendo vividos.

A paisagem é amazônica, lar de lendas, mitos, ritos, superstições. A Região Norte é uma terra de florestas, de rios, de lagoas, de igarapés. Encruzilhada entre diversas culturas e crenças. A Baía de Guajará é imensidão de águas de Nossa Senhora de Nazaré. E de Oxum também.

Há navios, barcos de diferentes portes, lanchas, *jet-skis*. A decoração é criativa e opulenta. Cada embarcação tem a sua dinâmica, porém, no caso dos barcos de passeios fluviais, uma camiseta personalizada comumente integra o *kit romeiro*. Na época do Círio o comércio de vestuário temático é intenso, havendo impressionante variedade de camisetas personalizadas. Também podem integrar o passeio a missa durante o percurso, o café da manhã e apresentações musicais.

Dentre a variedade de atrações musicais, há de se destacar o canto de Alba Mariah. Presença constante no Auto do Círio, ela também se apresenta em embarcações na romaria fluvial. É da voz dela que há a lembrança do canto de “Naza, Nazarézinha, Nazaré rainha, Nazaré, mãe da terra, mãezinha me ajuda a cuidar” (Zouk da Naza, 2003) ou de “Eu vi mamãe Oxum na cachoeira / Sentada na beira do rio / Colhendo lírio lirulê / Colhendo lírio lirulá / Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá” (Vi Mamãe Oxum na Cachoeira, 2010). Obviamente nem todas as embarcações são afeitas ao ecumenismo religioso, mas é importante registrar que há opções para um variado público e para as diversas facetas das manifestações da fé.

Após a imagem da Santa ser embarcada em Icoaraci, é realizado o trajeto de volta. O momento de embarque é envolto em fogos de artifício e cantos marianos. A partir daí a imagem lidera o cortejo fluvial rumo ao centro de Belém, onde será desembarcada com pompa e cuidado. “Ao longo do percurso, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré recebe muitas homenagens, como o lançamento de pétalas de rosas e de papel picado de helicópteros e ultraleves, e a queima de fogos, por devotos, nas margens da baía

do Guajará.” (IPHAN, 2006, p. 42). Durante o trajeto são registradas inúmeras fotos e filmagens que vão alimentar memórias individuais e coletivas.

Após o desembarque ocorrem dois cortejos. A imagem peregrina parte com a Moto Romaria –criada em 1990– rumo ao Colégio Gentil Bittencourt, nas proximidades da Basílica Santuário. É nele que está a imagem original de Nazinha. Aquela imagem que foi descoberta pelo Plácido e que teimava em voltar ao local onde foi encontrada em meio à natureza.

O outro cortejo é o do *Arrastão do Círio*, com o *Arrastão do Pavulagem*, que com música, pernas de pau, fitinhas e artesanato de miriti toma as ruas do centro histórico. “Manifestação recentemente introduzida na programação cultural da festa (1999), o arrastão acontece sempre na véspera do Círio de Nazaré. É um desdobramento dos arrastões promovidos no mês de junho por toda a cidade” (IPHAN, 2006, p. 57). É (mais) um animado cortejo que marca as ruas e a paisagem do Centro Histórico. O Arrastão do Pavulagem embala a cidade em vários momentos durante o ano e não poderia ficar de fora da programação do Círio.

Pavulagem é uma palavra advinda de pávulo, “o convencido, o metido. (...) Nesse contexto, a palavra assume ares de uma jocosidade como de quem tira sarro com o outro, ou mesmo de quem fala mal de alguém” (Chagas Júnior, 2016, p. 94). o Arrastão do Pavulagem percorre em parte as ruas que também recebem o Círio.

No sábado ainda há um evento grandioso, como tantos no âmbito do Círio, é bem verdade. A Transladação.

### Transladação

Transladação é como é denominado o cortejo que leva a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré da Basílica Santuário até a Catedral Metropolitana de Belém, a Catedral da Sé. Portanto, conduz a imagem da Santa ao ponto de partida do Círio que ocorre no dia seguinte. “O percurso, de cerca de cinco quilômetros, é feito nos limites da área mais antiga e mais urbanizada da cidade de Belém” (IPHAN, 2006, p. 29). Como tantos outros eventos derivados do Círio, a Transladação foi se avolumando ao longo do tempo.

No percurso inverso ao do Círio, a Santa e seu séquito de milhões de pessoas, passam por locais emblemáticos da cidade. As ruas, as casas, os edifícios particulares e públicos estão decorados para receberem a imagem com música, fogos de artifício, acenos emocionados. Janelas e varandas transformam-se em camarotes improvisados. Arquibancadas com venda de ingresso movimentam a economia local.

Pode-se dizer que a cidade veste a sua indumentária de festa para receber a procissão. Também há no ar uma busca por cortesia e tolerância ou pelo menos paciência para suportar as milhares de pessoas que literalmente estão se esbarrando nas ruas.

São componentes do hipnotizante cortejo as bandeiras que identificam as estações, ou seja, os segmentos da corda que antecedem a imagem de Nossa Senhora (Figura 5). Há também a conhecida corda, que se tornou um símbolo do Círio. A tradição do uso da corda, surgiu devido à chuva em uma edição.

(...) A corda foi introduzida na Procissão do Círio de 1855. Nesse ano, a procissão foi conduzida em meio à forte tempestade que alagou boa parte das ruas onde ocorria seu percurso. Em uma dessas ruas,



o carro de bois que puxava a berlinda atolou, e membros da Diretoria da Irmandade de Nazaré tiveram a ideia de arranjar uma grande corda, emprestada às pressas por um comerciante local, para que os fiéis que acompanhavam o cortejo pudessem puxar a berlinda de seu atoleiro (Almeida, 2014, p. 4).

A corda desperta curiosidade e admiração por quem consegue segurá-la. “(...) Ela perdeu seu significado prático original, muito embora o seu aspecto simbólico de sacrifício e aproximação do sagrado tenha permanecido ao longo dos anos” (IPHAN, 2006, p. 31). Após a corda há a berlinda, ricamente decorada, com a imagem de Nossa Senhora.

A berlinda é “um andor envidraçado, semelhante a uma liteira dos tempos coloniais, profusamente adornada de flores, na qual é transportada a réplica da imagem da santa – a peregrina – durante a transladação e o Círio” (IPHAN, 2006, p. 31). O ponto alto do cortejo é quando a diminuta imagem da Santa avança entre a multidão.

No trajeto da procissão está a Praça da República, onde se localiza o icônico e majestoso Theatro da Paz. É essa praça que abriga outro evento característico da programação não religiosa do Círio. A festa *As Filhas da Chiquita*.

A festa surgiu em plena Ditadura Militar, em “meados dos anos 70, com o carioca Luís Bandeira, quando grupos gays organizavam um bloco carnavalesco nas proximidades do presídio São José até o Bar do Parque, localizado na praça da República” (Trózi, 2019, p. 81). Ao longo dos anos foi se consolidando como principal evento LGBTQIAPN+ durante o Círio.

Travestis e *drag queens* comandam a noite. Há entrega de prêmios como o do *Veado de Ouro*, *Rainha do Círio*, *Botina de Ouro*. “As diversas referências ao Círio e à própria Nossa Senhora de Nazaré na festa das filhas da Chiquita apresentam, assim, um caráter de resistência, de contestação, de busca de espaço e reconhecimento social pelos homossexuais” (IPHAN, 2006, p. 59). Nazinha é mãe de todos, a rua é do povo e o sagrado é vizinho do profano.

Música em altos decibéis –uma característica do Pará– e animação marcam a festa de quem sabe a importância de ocupar e se mostrar nas ruas da cidade durante uma das maiores celebrações religiosas do país. Tal apropriação de uma praça pública e de um calendário religioso obviamente incomodou e incomoda parte da sociedade. “A Festa da Chiquita virou um ponto de tensão no Círio, já foi alvo de diversas retaliações,

o que obrigou os organizadores a terem que pedir autorização da polícia, todos os anos, para que ela possa acontecer” (Tróí, 2019, p. 81). Os maiores embates estão relacionados a localização –pois margeia uma das ruas em que ocorre a procissão do Círio– e ao horário. A hora do término gera embates, pois a procissão principal ocorre ao amanhecer.

Para viver é necessário resistir, insistir e persistir. E é isso que acontece anualmente a fim de viabilizar essa festa no circuito histórico e religioso de Belém. Para muitos corpos, o simples fato de estar visibilizado nas ruas –ainda mais em momentos em que multidões estão nelas– já é um fato político.

A Festa da Chiquita, de modo pungente reafirma a cada ano a existência de quem parece viver condenado à invisibilidade nas cidades. Amplifica em uma noite a luta diária de presença cidadã na sociedade.

Quando a madrugada vai chegando ao seu final, a Praça da República vai esvaziando e, no sentido contrário, pessoas vindas dos mais diversos pontos se dirigem ao local de partida do principal evento do calendário da cidade. É o dia do Círio!

### Círio

“Ó Virgem-Mãe amorosa / Fonte de amor e de fé / Dai-nos a bênção, bondosa / Senhora de Nazaré” (Vós Sois o Lírio Mimoso, 1991). Essa é uma das muitas músicas que são entoadas nas ruas de Belém. Na manhã do segundo domingo de outubro, após missa na Catedral da Sé, começa o solene cortejo do Círio.

Todos os anos ocorre uma espécie de milagre. Mesmo com a crescente multidão e emoção provocada pelos eventos anteriores, o Círio se apresenta como procissão de uma magnitude única, transcendente, celestial. Cerca de dois milhões de pessoas participam do cortejo (Alves, 2005, p. 315).

Muita gente se espreme em ruas ora estreitas, ora um pouco mais largas, que mesmo assim não comportam a multidão. Uma opção é procurar fazer um atalho por alguma rua paralela, a fim de encontrar um bom ponto de visualização um pouco mais adiante. Porém, milhares de pessoas têm essa mesma ideia e muitas ruas viram local de passagem para uma massa que, com o passo acelerado, procura um caminho que permita acessar novamente o cortejo.

As típicas mangueiras emolduram a procissão e criam um pouco de sombra que alivia o calor. O sol deixa as ruas abafadas e há a possibilidade de ocorrer uma chuva, que provavelmente será torrencial. Na multidão, uma variedade de camisetas temáticas do Círio e muita gente de pés descalços.

Na massa humana há promesseiros, religiosos (Figura 6), vendedores de fitinhas, de terços, de balões. Ex-votos em forma de tijolo, livro, casa. Peças de cera recriam partes do corpo humano. São muitos os elementos da procissão.

“Os carros compõem diferentes alegorias, como o carro da *Santíssima Trindade*, que reproduz com imagens esse elemento central da doutrina cristã” (IPHAN, 2006, p. 35). A multidão, em êxtase, proclama: – Viva Nossa Senhora de Nazaré! Viva! Viva a Rainha da Amazônia! Viva!

Assim como na Romaria Fluvial e na Transladação, pétalas de flores, papel picado e foguetes são utilizados como homenagem à imagem de Nossa Senhora. E músicos e corais disputam entre si a trilha sonora do cortejo. Um clássico do repertório do Círio é



o samba enredo carioca que clama “Oh! Virgem Santa olhai por nós / Olhai por nós oh Virgem Santa, pois precisamos de paz” (Festa do Círio de Nazaré, 1975).

Devido ao acúmulo de um grande número de pessoas, há a impressão de que falta ar. Só com muita água é possível permanecer em meio a tanta gente, por isso há farta distribuição de copos de água.

Mas também há outro uso para esses copos. Quem está segurando a corda, é banhado por voluntários que jogam água para o ar, a fim de aliviar o calor. Ver o brilho da água que salpica o ar significa que, ao longe, a corda (finalmente) se aproxima. A emoção aumenta mais ainda. Tremulando no ar, bandeiras marcam as estações.

Vista do alto, a corda se assemelha a um terço, o que deu origem às chamadas estações da corda. Ao todo, são cinco estações e, em cada uma delas, há a presença constante dos chamados animadores da corda que têm a função de estimular – por meio de palavras de ordem, cânticos e orações – os promesseiros das estações a avançar no cortejo (Almeida, 2014, p. 13).

Para quem assiste a passagem do cortejo, há a preocupação em procurar uma boa localização. Ficar atrás de uma árvore pode ser uma opção, pois ela servirá de anteparo para se abrigar da onda humana. Ou, talvez, ficar em uma rua que permita a saída rápida em caso de algum imprevisto.

Porém, nunca pode se prever se alguém irá cortar a corda antes do fim do percurso. Tal ação pode gerar um frenesi da multidão querendo um pequeno pedaço como relíquia. E, com isso, gerar um empurra-empurra com desfechos inimigáveis.

Na dúvida sobre a localização da berlinda, pode-se acessar a um aplicativo que informa a sua posição em tempo real. O clímax do cortejo do Círio é ver a imagem de Nossa Senhora ornamentada exuberantemente com flores. Em meio ao aperto geral, há os promesseiros de joelhos determinados e irem até a escadaria da Basílica e padres abençoando a multidão com água benta em quantidades bíblicas.

Ao final do cortejo, uma rápida limpeza urbana elimina o rastro da procissão. E, curiosamente, a Santa que arrasta multidões pode ser vista sem apertos ou tumulto em uma Capela na Praça do Santuário de Nazaré.



Após a passagem da procissão o clima de festa e comunhão continua. Só que agora em uma escala familiar. É o momento do tradicional Almoço do Círio.

### Almoço

O Círio é um momento de encontro entre familiares, amigos, visitantes. Onde há gente e festa, também há comida. “A presença marcante de turistas e romeiros vindos do interior do estado e de outras regiões do país, os preparativos das famílias para o almoço do Círio (...) são algumas das alterações importantes do cotidiano da cidade e adjacências (...)” (Costa, 2006, p. 86). O Círio é um marco temporal do ano, sendo o momento em que as famílias abrem as portas para mostrar um evento que faz parte da identidade local.

Identidade também marcada pela culinária. Os sabores do Pará são maravilhosamente únicos.

Maniçoba, pato no tucupi, tacacá, sobremesa de creme de cupuaçu são exemplos do que é servido no tradicional almoço. “Essas comidas expressam uma identidade cultural que o paraense faz questão de exibir, especialmente ao visitante que vem de outros lugares, que poderá ser convidado, por alguma família, para participar do almoço” (IPHAN, 2006, p. 53). Feliz de quem tem amigos e amigas em Belém que podem abrir as portas das suas casas durante o Círio!

Mais que culinária, o almoço é o momento de realizar o balanço do ciclo anual. E, também, de planejar o próximo ano: em quais eventos se irá participar, de onde vai se

acompanhar a procissão, com quem se irá. Ou seja, termina um Círio e já começa a preparação para o seguinte.

Nas conversas vem à mente um mosaico de vivências e memórias (Figura 7). Os vários cortejos animados, como o do Arrastão do Pavulagem; os pés descalços; a Berlinda como que flutuando na multidão; os ex-votos dos romeiros; as performances do Auto do Círio; os apelos dos fiéis; o empurra-empurra do comércio no tradicional Mercado do Ver-o-Peso; a Moto Romaria; a resistência e persistência de quem conseguiu segurar a corda.

A multiplicidade de eventos no contexto do Círio de Nazaré torna a festa religiosa ainda mais atraente e fascinante. Dentre a extensa programação, o Auto do Círio e a Festa da Chiquita se destacam, pois sintetizam ações de luta em prol da diversidade por meio de arte e de festa.

Apesar de ser um evento calcado no catolicismo, o Círio foi absorvendo a diversidade cultural e social brasileira. Criando diferentes facetas, tradições e crenças. Assimilando quem, no dia a dia, é invisibilizado pela sociedade.

As águas, ruas e encruzilhadas de Belém tornam-se ainda mais atrativas quando tomadas pelas multidões. Sua paisagem fica mais emblemática. Receptáculo de memórias e histórias, de velhas e de novas narrativas. A cidade torna-se encontro de caminhos.

É possível sentir a energia das ruas e, apesar das exaustivas jornadas da intensa programação, há o sentimento de renovação, vitalidade e de inserção em uma linha do tempo ancorada no passado, vivenciada no presente e que, certamente, vai se manter no futuro. A devoção perpassa o tempo, pois se trata da “Maria das procissões / Das festas, das romarias / Dos cânticos, da alegria/ Maria de cada noite, Maria de todo dia” (Ladainha de Santo Amaro, 2007). Festa, encontro, fé, identidade.

São alguns poucos dias de outubro, mas, de tão intensos, acabam por marcar o ano todo. Aliás, marcam uma vida.

Até o próximo Círio!

## Referências

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. A Corda como espaço de tensões e significações na Festa de Nazaré em Belém do Pará. *Fênix* (UFU. Online), v. 11, pp. 01-21, 2014. Disponível em <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/599>. Acesso em 12 junho 2024.

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, 19 (54), 2005. pp. 315-332. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10083>. Acesso em 12 junho 2024.

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis. Editora Vozes, 1980.

BASÍLICA DE NAZARÉ. Basílica Santuário de Nazaré. *50 anos Nossa Senhora de Nazaré recebe honras de chefe de estado*. Disponível em <https://basilicadenazare.com.br/ha-50-anos-nossa-senhora-de-nazare-recebe-honras-de-chefe-de-estado>. Acesso em 12 junho 2024.

BRIGIDA, Miguel Santa. O Auto do Círio - festa, fé e espetacularidade. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares* (Impresso), v. 5, pp. 35-47, 2008. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/12596>. Acesso em 12 junho 2024.

CALVINO, Italo. *Os amores difíceis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAGAS JÚNIOR, Edgar Monteiro. *Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos Arrastões do Pavulagem em Belém do Pará*. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia). Belém (UFPA), 2016. Disponível em <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9057>. Acesso em 12 junho 2024.

COSTA, Antônio Maurício Dias da. A Festa dentro da Festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. *Campos* (UFPR), v. 07, pp. 83-100, 2006. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7441>. Acesso em 12 junho 2024.

*Festa do Círio de Nazaré*. Compositores Aderbal Moreira, Dário Marciano, Esmera. In *Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo 1, Carnaval 1975 do Rio de Janeiro, 1975*.

IPHAN. *Círio de Nazaré (Dossiê Iphan)*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos\\_Cirio\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf). Acesso em 12 junho 2024.

*Ladainha de Santo Amaro*. Compositora Mabel Velloso. In *Cânticos, Preces e Súplicas à Senhora dos Jardins do Céu na Voz de Maria Bethânia, Maria Bethânia, 2007*.

MOREIRA, Eidorfe. *Visão geo-social do Círio*. Belém: Universidade Federal do Pará, Imprensa Universitária, 1971.

MOREIRA, Francisco Edilberto Barbosa. *Três vestidos fazem para se apresentar: um estudo sobre o vestir no espetáculo O Auto do Círio*. Belém. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes). Belém (UFPA), 2012. Disponível em <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/7620>. Acesso em 12 junho 2024.

*Namastê: a Estrela que habita em mim, saúda a que existe em você*. Compositores Alex Saraíça, Altay Veloso, Carlinhos da Chácara, Denilson do Rozário, J. Giovanni, Léo Peres, Paulo Cesar Feital, Zé Glória. In *Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro 2018, 2017*.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP*, dez. 10. 1993, pp. 7-28. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em 12 junho 2024.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Matergrafia e patrimônio: Santuários Marianos como espaço simbólico e vetorial da Latinidade. *Ateliê geográfico* (UFG). V. 12, p. 170-194, 2018. Disponível em <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/47188>. Acesso em 12 junho 2024.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Edusp, 2006.

SILVA, José Maria da. Festa, devoção e identidades no Círio de Nazaré em Belém (Pará). *Estudos Teológicos*. v. 61, pp. 158-171-171, 2021. Disponível em [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/775](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/775). Acesso em 12 junho 2024.

SOARES, Eduardo Oliveira. Nossa Senhora de Guadalupe e de Aparecida, rogai por nós e por nossas narrativas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 24, n. 285.01, Vitruvius, fev. 2024. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.285/8966>. Acesso em 12 junho 2024.

*Tatalondirá - O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias*. Compositores Dere, Rafael Ribeiro, Robson Moratelli, Toni Vietnã. In *Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro 2020, 2019*.

TRÓI, Marcelo de. Artivismos, religiosidades, *the mônias* e *ecodrags*: notas sobre corpos dissidentes no Pará. *Revista Vazantes*, v. 03, p. 76-94, 2019. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/42255>. Acesso em 12 junho 2024.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Patrimônio Mundial no Brasil*. Disponível em <https://www.unesco.org/pt/node/108110>. Acesso em 12 junho 2024.

*Vi Mamãe Oxum na Cachoeira*. Compositor (autoria popular). In *Santo de Casa*. Mariene de Castro, 2010.

*Vós Sois o Lírio Mimoso*. Compositor Euclides Faria. In *Outras Caras*, Leila Pinheiro, 1991.

*Zouk da Naza*. Compositor Almir Gabriel. In *Na Boca do Peixe*, Almirzinho Gabriel, 2003.